

Canto II de Ezra Pound

(tradução anotada)

II

J á basta, Robert Browning¹,

não pode haver senão um único “Sordello.”

Mas Sordello, e o meu Sordello?

Lo Sordels si fo di Mantovana².

So-Shu³ sacudiu o mar.

Saltam focas em círculos branco-espúmeos lava-penhascos,

Cabeça lisa, filha de Lir⁴,

olhos de Picasso

Sob capuz negro de pele, ágil filha de Oceano;

E a onda flui pelo sulco na praia:

“Eleonora, *Elênaus* e *Elêptolis*”⁵

E o pobre velho Homero cego, cego, como um morcego,

Ouvir, ouvir o marulho do mar, murmúrio das vozes de velhos:

“Que ela volte aos navios,

Que volte às faces gregas, e que não caia em nós o mal,

Mal e mais mal, e uma praga imposta contra nossas crianças,

Ela se move, sim, se move como uma deusa

E tem o rosto de um deus

e a voz das filhas de Schoeney⁶,

¹ Robert Browning (1812-1889). Poeta e escritor inglês, autor do poema narrativo *Sordello*, baseado na vida do trovador italiano homônimo que escrevia em provençal. Um dos poucos antecessores imediatos que Pound respeita e de quem tomou e desenvolveu o monólogo dramático na confecção dos *Cantos*, depois modificado pela influência do cubismo e da linguagem ideogramática chinesa.

² “Sordello era de Mântua”, em provençal.

³ O poeta chinês Siang-yu, da Dinastia Han. Li Tai Po, comentando sua poesia, disse que ao invés de mover ondas, ele fazia espuma.

⁴ Deus celta do mar.

⁵ As palavras em grego, *Elênaus* e *Elêptolis*, são trocadilhos usados por Ésquilo em *Agamêmnon* para caracterizar Helena de Tróia, e significam, *destruidora de naus*; *destruidora de cidades*. Pound a relaciona a Eleanor de Aquitânia, utilizada como motivo da Guerra dos Cem Anos.

⁶ *Schoeney* é a grafia adotada por Pound para *Scheneus* (em português grafado *Queneu*) para representar sua fonte, a tradução inglesa das *Metamorfoses* de Ovídio, feita por Arthur Golding — a versão conhecida na época de Shakespeare e considerada por Pound “o mais belo livro da língua”. Schoeneyes — a grafia

E a ruína caminha com ela,
Que volte aos navios,
 que volte às vozes gregas.”
E à beira-mar, Tyro⁷,
 Braços cruzados do deus marinho,
Flexíveis tendões d'água, agarrando-a, cruzados,
E o azul-gris vítreo da onda os envolve,
Clarão cerúleo d'água, frio conflito, perto aperto.
Quieto sol castanho se estende sobre a areia,
As gaivotas abrem as asas,
 bicando entre as penas oblíquas;
Narcejas vêm para o banho,
 flexionam as juntas das asas,
Úmidas asas abertas ao filme solar,
E perto de Quios⁸,
 à esquerda do estreito de Naxos,
Rocha naviforme desmedida,
 algas aderem à borda,
Há um brilho rubro-vinho nos baixios,
 estanho que fulge ao fascínio solar.

Aportamos em Quios,
 homens querendo água fresca,
E junto da fonte um garoto pequeno, lerdo com o mosto da uva,
 “Pra Naxos⁹? Claro, a gente te leva pra Naxos,
Chega aí, guri.” “Não, não é pra lá!”
“Êh, pra lá é Naxos.”
 E eu disse: “Este é um navio honesto.”
E um ex-presidiário saído da Itália
 derrubou-me entre o cordame,
(Era procurado por homicídio na Toscana)
 E todos os vinte contra mim,
Loucos por pouco dinheiro escravo.
 E o levaram para fora de Quios
E para fora da rota...
 E o garoto acordou, de novo, com o rumor,
E deu uma olhada por cima da proa,
 ao leste, e para o estreito de Naxos.
Ardil divino então, ardil divino:
 O barco pára no redemoinho,
Hera pelos remos, rei Penteu¹⁰,

correta em Golding — é pai de Atalanta e, assim como Helena, considerada motivo da desgraça de vários homens.

⁷ Tyro é filha de Salmoneu; enamorada de Enipeu, o rio divino, foi seduzida por Posêidon, que tomou a forma de Enipeu para enganá-la.

⁸ Quios: ilha perto de Naxos.

⁹ Naxos: a maior das ilhas Cíclades, famosa por seu vinho e, obviamente, um dos centros do culto a Dionísio.

¹⁰ Penteu, o rei, neto de Cadmo. A voz é de Acetes, capitão do navio que seqüestra Dionísio sem perceber que o deus se esconde na forma de um garoto. Penteu, assim como em *As Bacantes*, de Eurípidés, se

uvas sem semente só espuma,
Hera no embornal.
É, eu, Acetes, estava lá,
 e o deus ao meu lado,
Água cortando sob a quilha
Quebradeira sob a popa,
 esteira escorre pela proa,
E onde fora o alcatrate, era agora a trepadeira,
E gavinhas onde havia a cordagem,
 folhas de videira nos toletes,
Pesada vinha nas hastes dos remos,
E, do nada, um bafejo,
 hálito quente nos meus tornozelos,
Feras feito sombras em espelhos,
 uma cauda felpuda sobre o nada.
Rosnar de lince, e acre odor de feras,
 onde cheirava a alcatrão,
Farejar e pegada de feras,
 olho-faísca no ar escuro.
Céu em excesso, seco, sem tempestade,
Farejar e pegada de feras,
 pêlo roçando meu joelho,
Farfalhar de élitros voando,
 formas secas no *æther*.
E o navio como a quilha no estaleiro,
 engastado como um boi no guincho do gaivão,
Ripas aderem ao casco,
 uva em cachos nas cavilhas,
 ar vazio ganhando pele.
Tendões se enlaçam no ar sem vida,
 vagar felino de panteras,
Leopardos farejando brotos de uva no embornal,
Panteras agachadas na escotilha,
E em torno, o mar azul-profundo,
 verde-rosa em sombras,
E Lieu: “Doravante, Acetes, meus altares,
Sem temer o cativo,
 sem temer os felinos selvagens,
Seguros com meus lince,
 dando uvas aos meus leopardos,
Olíbano é o meu incenso,
 vinhas crescem em minha homenagem.”

A maré agora suave nas correntes do leme,
Focinho negro de um golfinho
 onde estava Lícabas,
Escamas de peixe nos remadores.

recusa a louvar Dionísio e termina mutilado pelas Mênades — incluindo sua própria mãe — durante o êxtase do culto dionisíaco.

E eu venero.
Eu vi o que vi.
Quando trouxeram o garoto eu disse:
“Há um deus nele,
embora eu não saiba que deus.”
E me chutaram pros cordames.
Eu vi o que vi:
A face de Médon feito a dum peixe-galo,
Braços encolhem em barbatanas. E tu, Penteu,
Devias ouvir Tirésias¹¹, e Cadmo,
ou a tua sorte vai te deixar.
Escamas cobrindo as virilhas,
rugido de lince em meio ao mar...
E uns anos depois,
pálida entre as algas vinirrubras,
Se você se inclinar sobre a rocha,
a face de coral sob o matiz da onda,
Palor róseo sob o fluxo d’água,
lleuthyeria¹², bela Dafne¹³ à beira-mar,
Os braços da nadadora tornados ramos,
Quem diria em que ano,
fugindo a que bando de tritões,
As sobranceiras suaves, vistas, entrevistas,
agora marfim imóvel.

E So-Shu sacudiu o mar, So-Shu também,
usando a lua comprida como um bastão...
Voltas d’água sinuosas,
tendões de Posêidon¹⁴,
Negro azul e hialino,
onda vítrea sobre Tyro,
Perto aperto, inquietação,
tumulto brilhante nos cordões de vagas,
Então a água tranqüila,
tranqüila na areia-camurça,
Aves do mar esticam as asas
chapinham em poças na rocha e na areia
Nos veios de onda entre pequenas dunas;
Brilho vítreo de onda na esteira da maré contra a luz solar,
palor de Hesperus¹⁵,
Crista gris da onda,
onda, cor da polpa da uva,

¹¹ Famosíssimo adivinho tebano.

¹² Especula-se que se trate de uma mistura entre *Eileithyia*, deusa dos nascimentos, e *Eleutheria* (*liberdade*, em grego).

¹³ Dafne, filha de Peneu. Perseguida por Apolo (flechado pelo Cupido para amar, enquanto Dafne o fora para rejeitar), invoca a ajuda do pai que a transforma em um loureiro. Das *Metamorfoses*, de Ovídio (I, vv. 546-552).

¹⁴ Deus grego do mar.

¹⁵ Estrela vespertina (*Vesper*) sagrada a Afrodite, que Pound associava aos hinos nupciais de Catulo e Safo.

Cinza-oliva bem perto,
 longe, cinza-fumo do desfiladeiro,
As asas salmão da águia-pescadora
 lançam sombras cinzentas na água,
A torre como um grande ganso de um só olho
 estica o pescoço sobre o bosque oliva,

E ouvimos os faunos censurando Proteu¹⁶
 no cheiro de feno sob as oliveiras,
E os sapos cantando contra os faunos
 à meia-luz.
E...

Ezra Weston Loomis **Pound** (Hailey, 30 de outubro de 1895 — Veneza, 1 de novembro de 1972) foi um poeta, músico e crítico literário americano que, junto com T. S. Eliot, foi uma das maiores figuras do movimento modernista da poesia do início do século XX. Ele foi o motor de diversos movimentos modernistas, notadamente do Imagismo e do Vorticismo.

Dirceu Villa publicou três livros de poesia: MCMXCVIII (Badaró, 1998), Descort (Hedra, 2003) e Icterofagia (Hedra, 2008). Traduziu e anotou um livro de poemas de Ezra Pound, *Lustra*, em 2003, que segue inédito. Tem ensaios e traduções publicadas no Brasil, no México, nos EUA e no País de Gales. Mantém o blog *O demônio amarelo* (<http://odemonioamarelo.blogspot.com>).

¹⁶ Proteu é o deus marinho que tem o dom da metamorfose, e a ciência do passado e do futuro. A última referência é a *Os Sapos*, de Aristófanes, quando Dionísio e Xantias descem ao Hades em busca de um bom poeta e são recebidos com um coro infernal de sapos.